

**PREVALENCIA DA AUTOMEDICAÇÃO EM ESTUDANTES DO ENSINO
SUPERIOR***PREVALENCE OF AUTOMATION IN HIGH SCHOOL STUDENTS*Rosálya Kelle da Silva Santos¹Ariane Luz Carvalho²**RESUMO**

O objetivo dessa pesquisa foi identificar a prevalência da automedicação em estudantes do ensino superior na cidade de Pedreiras-Ma, traçando o perfil socioeconômico da mostra, identificando os medicamentos mais utilizados na automedicação, detectar quais os fatores que influenciam na automedicação e fazer o comparativo da prática de automedicação entre os grupos da amostra e área de ensino. O método utilizado consistiu em um estudo quantitativo transversal, por meio de um inquérito epidemiológico, que terá como procedimento técnico a pesquisa de campo, onde foi utilizado como instrumento um questionário em formato de inquérito. Conclui-se que a prevalência da automedicação entre esses estudantes, segundo a pesquisa é de (93%) onde se torna uma problemática que necessita de intervenção, sobretudo das estruturas educacionais acadêmicas. Assim, se faz necessário que essa temática seja discutida de forma sistemática provendo o entendimento de toda sociedade. Esses dados podem, portanto, ser utilizados na definição de estratégias voltadas a promoção do uso racional de medicamentos.

Palavras-chave: Automedicação. Acadêmicos. Ensino superior.

ABSTRACT

The objective of this research was to identify the prevalence of self-medication in higher education students in the city of Pedreiras-Ma, tracing the socioeconomic profile of the sample, identifying the drugs most used in self-medication, detecting which factors influence self-medication and comparing Practice of self-medication between sample groups and teaching area. The method used consisted of a cross-sectional quantitative study, through an epidemiological survey, which will have as a technical procedure the field survey, where a survey questionnaire was used as instrument. It is concluded that the prevalence of self-medication among these students, according to the research is (93%) where it becomes a problem that requires intervention, especially academic educational structures. Thus, it is necessary that this theme be discussed in a systematic way providing the understanding of every society. These data can therefore be used in the definition of strategies aimed at promoting the rational use of medicines.

Keywords: Self-medication. Academics. College education.

¹ Acadêmica do curso de Enfermagem da Faculdade de Educação São Francisco-FAESF. E-mail: rosalya_kelly@hotmail.com

² Enfermeira. Especialista em Docência do Ensino Superior. Especialista em Nefrologia. Docente da Faculdade de Educação São Francisco-FAESF. E-mail: alc@faesf.com.br

INTRODUÇÃO

A automedicação é conceituada como o uso de medicamentos sem prescrição ou indicação médica, com a escolha do medicamento realizada pelo próprio paciente ou indicada por terceiros ⁽¹⁾. Essa prática pode trazer decorrências graves à saúde, como intoxicações, dependência e reações alérgicas. De acordo com Ministério da Saúde, a prática pode aumentar a resistência de microrganismos e inibir a eficácia dos medicamentos ⁽²⁾.

Possui como objetivo geral identificar a prevalência da automedicação em estudantes do ensino superior na cidade de Pedreiras-Ma, tendo como objetivos específicos traçar o perfil socioeconômico da mostra, identificando os medicamentos mais utilizados na automedicação, detectar quais os fatores que influenciam na automedicação e fazer o comparativo da prática de automedicação entre os grupos da amostra e área de ensino.

A indicação desses medicamentos vem de amigos, vizinhos, familiares e até mesmo de balconistas de farmácia que já tiveram problemas parecidos, e que não tem conhecimento farmacológico para diferenciar que cada organismo corresponde de forma diferente aos medicamentos, ou seja, o fato de uma medicação ter efeito satisfatório, outras vezes pode trazer prejuízo à saúde do indivíduo. Outro fator importante é nível de escolaridade, o estudo de Musial ⁽³⁾ demonstra, por exemplo, que há uma tendência de prevalência da automedicação na população de maior poder aquisitivo e com maior nível de escolaridade, tendo como pressuposto que o conhecimento gera maior segurança naqueles que se automedicam.

METODOLOGIA

O método utilizado consistiu em um estudo quantitativo transversal, por meio de um inquérito epidemiológico, que teve como procedimento técnico a pesquisa de campo. O estudo foi realizado na Faculdade de Educação São Francisco (FAESF), instituição privada, localizada na cidade de Pedreiras. O presente estudo foi realizado com os universitários da instituição escolhida, que estão devidamente matriculados, independentemente do semestre em que ele se encontre. Foi considerado o universo de acadêmicos da instituição que perfaz 939 alunos, divididos aleatoriamente entre 7 cursos. Para definição dos números de acadêmicos que participaram da pesquisa, levou-se em consideração o número de estudantes de todos os períodos dos cursos da instituição e o critério psicométrico. Esse estudo é utilizado para escalas de atitudes e busca descobrir o quantitativo de respondentes necessários para gerar um grau de saturação do fenômeno ou características medida, isto é, quando os dados capturados pelo instrumento da pesquisa começam a se repetir ou restringir

significativamente sua variabilidade. O processo de saturação começa quando a quantidade de itens do questionário é multiplicada por uma escala que varia de 6 (mínimo) a 10 (ótimo). Para a referente pesquisa, foi utilizado o critério de 10, multiplicado pela quantidade de itens do questionário (15), prevendo a necessidade de entrevistar um total de 150 acadêmicos. Todavia a população a ser estudada foi dividida em proporções iguais para cada curso. Administração (13), Ciências Contábeis (33), Educação Física (14), Enfermagem (22), Fisioterapia (19), Nutrição (5) e Pedagogia (44).

Foi utilizado como instrumento um questionário online em formato de inquérito, onde foi avaliado primeiramente as variáveis socioeconômicas, e informações acadêmicas. O questionário contém 15 itens de perguntas objetivas e de múltiplas escolhas, abordando aspectos da prática de automedicação.

Todo o estudo seguiu conforme as normas da ABNT e da Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) tocante à pesquisa envolvendo seres humanos, que dispõe não apenas dos conceitos éticos, mas de todo o protocolo a ser construído.

RESULTADOS

A automedicação constitui uma prática universal, presente nas mais diversas sociedades e culturas, independentemente do grau de seu desenvolvimento socioeconômico.

Os resultados foram analisados e apresentados em tabelas e gráficos, de forma percentual. Assim, o presente estudo buscou investigar a prevalência da automedicação em estudantes do ensino superior na Faculdade de Educação São Francisco em Pedreiras-Ma.

Participaram da pesquisa 150 acadêmicos, divididos aleatoriamente entre 7 cursos, com idades de >20 á <40 anos, com uma prevalência da automedicação estimada nos últimos 15 dias.

Tabela 1. Perfil socioeconômico dos estudantes do ensino superior de uma instituição na cidade de Pedreiras-MA. (n=150).

Variável	N	%
Idade		
< 20 anos	59	39,3
20 a 30 anos	72	48
30 a 40 anos	16	10,7
>40 anos	3	2
Sexo		
Feminino	96	64
Masculino	64	36
Raça/Cor		
Branca	21	14
Negra	33	22

Parda	89	59,3
Amarela	6	4
Indígena	1	0,7
Situação conjugal		
Solteiro	99	66
Casado	35	22,6
Divorciado	8	5,7
União estável	8	5,7
Renda família*		
Até 1 salário	24	16
1 a 2 salários	83	55,3
3 a 4 salários	39	26
Acima de 5 salários	4	2,7

Fonte: Pesquisa de Campo, 2017

*Renda familiar baseada em salário mínimo vigente de R\$937,00.

Na tabela 1, mostra o perfil socioeconômico dos entrevistados, onde podemos observar uma prevalência de estudantes com idade de 20 a 30 anos, com soma de 48% (72), <20 anos 39,3% (59), entre 30 a 40 anos 10,7% (16) e >40 anos 2% (3). É notória a prevalência de entrevistados do sexo feminino 64% (96), e masculino com somatória de 36% (64). Em relação à raça/cor houve a predominância de 59,3% (89) pardos, negros 22% (33), brancos 14% (21), amarelos 4,6% (6) e indígena 0,7% (1). Relacionado à situação conjugal, tivemos maioria solteiros 66% (99), casados 23,6% (35), divorciados 5,7% (8) e união estável 5,7% (8). Maior parte dos acadêmicos entrevistados apresentou renda mensal de 1 a 2 salários mínimos 55,3% (83), onde 26% (39) revelaram ter uma renda de 3 a 4 salários, 2,4% (4) acima de 5 salários e 16% (24) até um salário.

Em uma pesquisa realizada em Recife, os resultados foram semelhantes, onde se evidenciou que o maior número de participantes que praticam a automedicação foi do sexo feminino (61,4%). Em relação à faixa etária o maior número de participantes apresentava idade entre 20 e 22 anos (57%)⁽⁴⁾.

É notória na mostra a relação entre automedicação e estado civil dos estudantes. Entre os estudantes casados, todos afirmaram utilizar medicamentos sem prescrição médica. No entanto, segundo a análise estatística, a automedicação não depende do estado civil. Em estudo realizado feito por Gonçalves⁽⁵⁾, sobre automedicação entre usuários de uma Farmácia-Escola, também não houve relação entre a prática da automedicação e estado civil.

Gráfico 1 – Distribuição percentual do índice de automedicação em estudantes do ensino superior. Pedreiras-MA. 2017. (n=150).

1

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

No gráfico 1, constatamos que 93%(140) dos acadêmicos entrevistados já utilizaram algum medicamento sem prescrição de um profissional habilitado, onde 7%(10) afirmaram não realizar essa pratica.

Não é somente com a classe estudantil que o índice de automedicação é elevado, em um estudo realizado com idosos em São Luís – Ma em 2013, em relação à automedicação, 67% dos idosos afirmaram que já realizaram esta prática em algum momento (últimos quinze dias que antecederam a participação no estudo).

Um estudo realizado no Rino Grande do Norte- Rn, com gestantes , a correlação de maior significância estatística foi observada em relação ao trimestre de início do pré-natal, uma vez que o uso de medicamentos durante a gravidez foi referido por 88,9% das mulheres utilizavam medicamentos sem prescrição medica no primeiro trimestre ⁽⁶⁾.

Outro estudo com resultados alarmantes foi realizando em Vale da Paraíba - SP, com profissionais da saúde. Onde 73,8% dos entrevistados utilizaram medicamentos nos últimos 3 meses, sendo que a automedicação foi observada em 53,1% dos entrevistados ⁽⁷⁾

Os acadêmicos tem a automedicação como pratica no seu cotidiano, em buscar de aliviar sintomas, ganhar tempo, entre outras. O grau de instrução é um fator primordial para a escolha dos medicamentos. Foi possível observar que os universitários tem autoconfiança em medicar-se, contudo mostrando não precisar de um profissional capacitado para prescrever seu medicamento.

Observou-se neste estudo que a automedicação é bastante comum nesta população estudada, assim, a automedicação torna-se um problema de grande proporção com várias questões inseridas e aparentemente como uma prática de difícil controle, o que nos leva a procurar ações que possam interferir de maneira significativa nessa prática que acarreta vários malefícios a saúde, que não acomete somente a classe estudantil, mais toda a população em geral.

Quadro 1 – Calculo da prevalência de automedicação em estudantes do ensino superior. Pedreiras-Ma. 2017. (n=150).

$P = \frac{\text{AMOSTRA}}{\text{POPULAÇÃO ESTUDADA}} = \frac{140}{150} = 0,93$

O quadro 1 representa o cálculo da prevalência de automedicação entre os estudantes entrevistados. Onde foi dividida a quantidade de acadêmicos que afirmaram utilizar algum medicamento sem prescrição de um profissional habilitado (140), por todos os participantes da pesquisa (150), aonde chegamos ao resultado de prevalência de $p= 0,93$. A interpretação deste resultado remete que para cada 100 estudantes do ensino superior na cidade de Pedreiras-Ma, 93 praticam a automedicação.

Tabela 3 – Distribuição percentual da automedicação em estudantes do ensino superior de acordo com o grupo farmacológico utilizado nos últimos 15 dias. Pedreiras-MA. 2017. (n=150).

Grupo farmacológico	n	%
Antibióticos	60	40
Anti-inflamatórios	50	33,3
Ansiolíticos	2	1,3
Antidepressivos	5	3,3
Analgésicos	87	58
Outros	14	9,3

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

A tabela 3 apresenta o percentual da automedicação entre os participantes da pesquisa de acordo com grupo farmacológico citado no questionário. Dentre os grupos citados, houve um índice de 58% (87) que utilizam analgésicos, 40% (60) afirmaram fazer uso de antibióticos, 33,3% (50) anti-inflamatório, 3,3% (5) antidepressivos, ansiolíticos 1,3% (2) e 9,3% (14) de outros grupos farmacológicos não citados.

No entanto, o que se pode notar neste estudo, é que dentre os medicamentos listados no questionário, há um número elevado de acadêmicos que utilizam analgésicos (58%) e antibióticos (40%), que se utilizados em excesso e sem real necessidade, podem trazer malefícios como: resistência microbiana quando mal utilizados, doenças hepáticas, dentre outros.

Outros medicamentos também citados, como os anti-inflamatórios pode causar insuficiência renal, além de possuir interações com outros medicamentos, cujo uso deve ser feito somente com indicação médica e orientação de um farmacêutico. O uso dos ansiolíticos, observado nos acadêmicos, quando em excesso, como afetar a memória e o aprendizado e até causar dependência. A opção de antidepressivos foi marcada, no entanto, devido à diversidade existente desse medicamento, seus efeitos adversos podem ser vários.

Diante desses fatos, cabem à equipe de enfermagem o fornecimento de orientações acerca do medicamento visando à diminuição de risco e maior eficácia possível, provendo a educação em saúde, considerando praticas que podem ser danosas à saúde, bem como promover a reflexão e a discursão acerca da temática para toda a população, envolvendo também outros profissionais, gestores e etc.

Tabela 2- Distribuição percentual de acadêmicos participantes da pesquisa sobre prática de automedicação em estudantes do ensino superior por curso. Pedreiras-MA. 2017. (n=150).

Administração	13	8,7
Ciências Contábeis	33	22
Educação Física	14	9,3
Enfermagem	22	14,7
Fisioterapia	19	12,7
Nutrição	5	3,3
Pedagogia	44	29,3

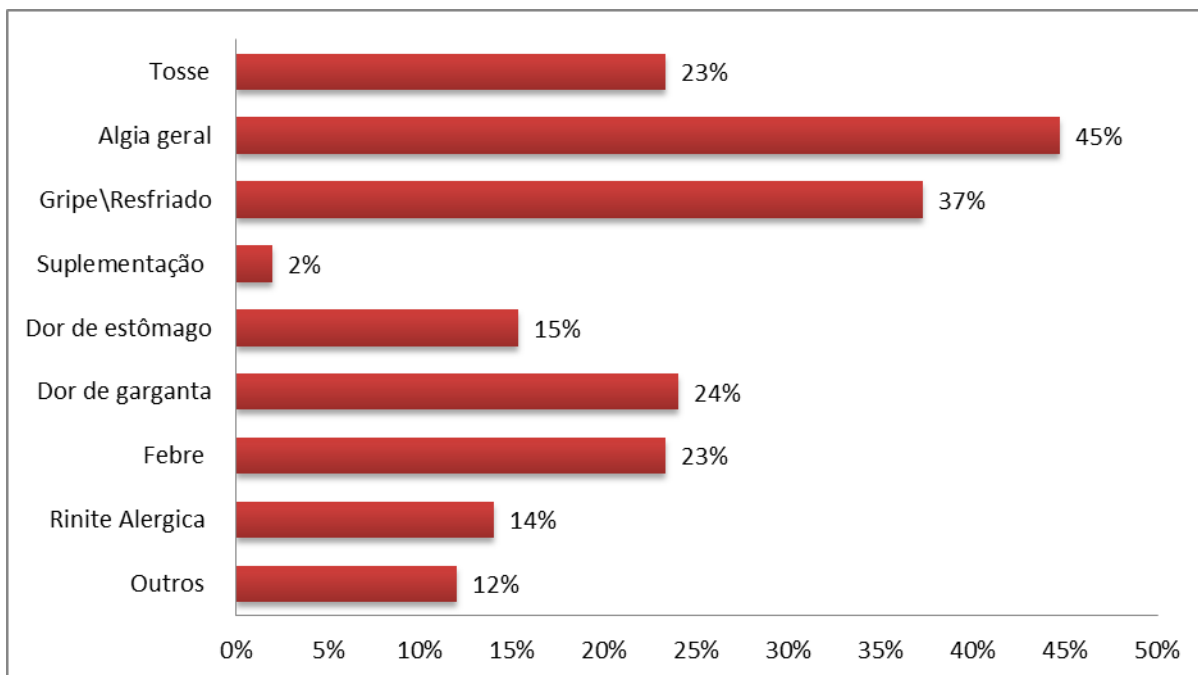
Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

A tabela 2 demonstra a distribuição de acadêmicos que participaram da pesquisa sobre a prática da automedicação de acordo com o curso de graduação. Observamos o maior percentual em acadêmicos de pedagogia 29,3% (44), dentre os demais cursos obtivemos os seguintes percentuais, ciências contábeis com 22% (33), enfermagem 14,7% (22), fisioterapia 12,7 (19), educação física 9,3 (14), administração 8,7 (13) e nutrição com 3.3% (5).

Uma das hipóteses levantadas pela investigadora para realização desse estudo era de que possuir formação na área da saúde poderia influenciar na prevalência da prática da automedicação, entretanto, essa hipótese não foi confirmada. Por outro lado, mesmo que a prevalência da automedicação não seja alterada significativamente pela área de formação, notaram-se que todas as influencias investigadas para esta prática diferem significativamente em relação à área de formação, sendo ela da saúde ou outra.

Não foi possível correlacionar a prática da automedicação com o semestre cursando pelos estudantes, pois a prevalência ficou distribuída uniformemente entre os semestres.

Gráfico 2 - Distribuição dos sintomas que influenciaram os entrevistados a prática da automedicação. Pedreiras-Ma. 2017. (n=150).



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

No gráfico 2 verificou-se que as dores em geral 45% (67) foram o principal motivo que levaram os acadêmicos a se automedicarem, seguida de sintomas de gripe/resfriado 37% (56) e inflamações de garganta 24% (36), febre 23% (35), tosse 23% (35), dor de estômago 15% (23), rinite alérgica 14% (21) e suplementação 2% (3). Tal fato é considerado preocupante, pois é sabido que automedicação pode mascarar uma patologia ou mesmo torná-la mais grave.

No questionário foram perguntados aos participantes alguns fatores descritos na literatura que estão relacionados à prática da automedicação, como sintomas ou problemas de saúde que levam ao uso de medicamentos sem a consulta a um profissional de saúde, razão porque utilizou os medicamentos e a influência que teve no momento de fazer a automedicação.

Observa-se, que dores em geral e resfriados são os problemas de saúde que mais levam a essa prática. E a praticidade de recorrer a este recurso e não necessitar se deslocar a um serviço de saúde foi a principal razão de uso dos medicamentos. Quanto aos fatores que influenciaram na prática da automedicação foram, principalmente, a indicação de conhecidos e familiares ou de conhecimento próprio.

A facilidade ao acesso dos medicamentos na Farmácia se deve a presença dos Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP), que são medicamentos utilizados para tratar

pequenos males que não necessitam de prescrição médica. Esses medicamentos, segundo a Resolução nº 138/03, devem possuir baixo risco a saúde e não devem causar dependência⁽²⁾.

Os resultados encontrados são coerentes com a literatura quanto ao principal problema de saúde que motivou a prática da automedicação nos participantes, que foi dor em geral, o que justifica o uso excessivo de medicamentos analgésicos. A busca de soluções rápidas com a ilusão da escolha mais saudável, nem sempre é totalmente verdade já que os medicamentos podem trazer efeitos colaterais e secundários significativos, além de perderem a eficácia com uso prolongado⁽⁴⁾.

Tabela 4 – Fatores relacionados à prática da automedicação entre os estudantes do ensino superior. Pedreiras-Ma. 2017. (n=150).

	n	%
Orientação da prática de automedicação		
Própria	52	34,7
Mãe e pai	35	23,3
Médicos e enfermeiros	17	11,3
Farmacêuticos	8	5,3
Balconista de farmácias	23	15,3
Amigos	7	4,7
Internet	4	2,7
Outros	4	2,7
Justificativa da prática de automedicação		
Costume, uso crônico. Consultei uma vez resolveu meu problema, continuo usando.	69	46
Acredito ter conhecimento teórico para me automedicar	48	32
Todos meus familiares usam e sei que pode resolver meu problema.	33	22
Motivo da automedicação		
Praticidade e comodidade	40	26,7
Facilidade de compra em farmácias	46	30,7
Falta de acessos aos serviços de saúde	23	15,3
Conhecimentos adquiridos	35	23,3
Outros	6	4

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

Na tabela 4, notamos que 34,7% (52) nos acadêmicos entrevistados realizaram a prática da automedicação sob orientação própria, logo após 23,3% (35) relataram automedicar-se por orientações dos pais, 11,3% (17) afirmaram medicar-se por orientação de médicos ou enfermeiros, 5,3% (8) por farmacêuticos, 15,3% (23) por orientação de balconistas de farmácias, 4,7% (7) por amigos e 2,7% (4) por meio da internet e outros. Relacionado em que eles se baseiam para utilização de tais medicamentos, constatou-se que 46% (69) utilizam por uso crônico, devido ter utilizado uma vez e ter resolvido o problema, 32% (48) acreditam ter conhecimento teórico para se automedicar o que equivale aos 22% (33) dos acadêmicos se automedicar por conta própria.

A facilidade de compras em farmácia foi um dos itens que teve um alto índice 30,7% (46), outro motivo citado foi à praticidade e comodidade 26,7% (40) a falta de acesso aos serviços de saúde pública 15,3% (23), conhecimentos adquiridos 23,3% (35) e outros motivos não citados 4% (6).

O conhecimento próprio também não ficou de fora, pois é um fator que provavelmente esta relacionada ao maior nível de conhecimento adquirido na faculdade. Alguns estudos sugerem que o maior nível de conhecimentos na área da saúde esta associado a um aumento da prática da automedicação pelo fato dos estudantes se sentirem mais confiantes e preparados para lidar com os medicamentos⁽⁸⁾.

Como citados pelos entrevistados, a falta de acesso aos serviços de saúde publica também é motivo pelo qual eles optam pela automedicação. De acordo com Nascimento⁽⁹⁾ no Brasil, o acesso aos serviços de saúde é difícil e maioria da população não apresentam condições financeiras para pagar um plano de saúde, o que leva a pratica da automedicação, o que se torna até mesmo uma questão cultural.

Outros aspectos encontrados nesse estudo que pode ser considerados como indutores da automedicação no Brasil, é a facilidade de compras em farmácia. Sousa⁽¹⁰⁾ relata que o não cumprimento da obrigatoriedade da prescrição no ato da dispensação, favorecendo a automedicação de fármacos que, legalmente, necessitam da apresentação da prescrição para a venda.

É possível perceber que as justificativas da prática da automedicação não são excludentes. Na verdade eles se complementam, pois quando eles recebem uma indicação de um medicamento sendo ela de um familiar ou amigos, com restrição ou não par ser comprado e o utiliza-lo e notar que amenizou os sintomas momentâneos, eles julgam desnecessária a procura de algum serviço de saúde, pois dessa maneira existe certa praticidade, culminando-se na automedicação, como podemos notar nos resultados exposto na tabela 4.

Tabela 5 - Perfil de estudantes do ensino superior quanto a prática da automedicação e seus fatores condicionantes. Pedreiras-MA. 2017. (n=150).

Variáveis	N	%
Utilizam sempre os mesmos medicamentos		
Sim	99	66
Não	23	15,3
Uso o que tiver disponível em casa	28	18,7
Os medicamentos utilizados estão sempre disponíveis em casa		
Sim	62	41,3

Não, mais compro quando preciso	77	51,3
Não, procuro um posto para consultar.	11	7,3
Acreditam que automedicação pode trazer algum dano a saúde		
Sim	115	76,7
Não	35	23,3
Algum episódio de diagnostico de intoxicação		
Sim	24	16
Não	126	84
Houve alguma reação adversa aos medicamentos		
Sim	60	40
Não;	90	60
Acreditam que os serviços de saúde influenciam para pratica da automedicação		
Sim	106	70,7
Não	44	29,3

Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

A tabela 5 pode-se observar o perfil dos estudantes quanto a pratica da automedicação e seus fatores condicionantes. Foi abordado aos participantes se eles sempre utilizavam os mesmo medicamentos, 66% (99) afirmaram utiliza os mesmos medicamentos, 15,3% (23) não utilizam os mesmos e 18,7% (28) faz uso do medicamento que estiver disponível em casa. Sobre eles terem sempre esses medicamentos disponíveis em casa, 41,3% (62) afirmaram sempre tê-los disponível, 51,3% (77) relataram não possuir em casa, mais compram assim que precisa, e 7,3% (11) não têm disponível em casa e que procura um posto para se consultar quando necessita. Foi questionado aos entrevistados se os mesmo acreditavam que automedicação poderia trazer algum dado a saúde, 76,7% (115) disseram que sim e 23,3% (35) não. Sobre algum episodio de diagnostico de intoxicação medicamentosa 16% (24) relataram ter ocorrido esse episodio e 84% (126) não ocorreram nenhum episodio. Relacionado às reações adversas aos medicamentos 40% (60) tiveram reação e 60% (90) não apresentou nenhuma reação. Foi indagado na pesquisa se os participantes acreditavam que os serviços de saúde publicam influenciam para a pratica da automedicação, 70,7% (106) afirmou que os serviços de saúde influenciam para tal pratica e 29,3% (44) não acredita que isso possa influenciar.

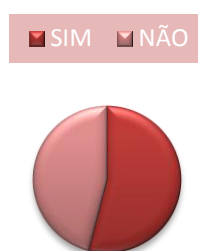
Podemos observar que os entrevistados mesmo sabendo dos riscos que a pratica da automedição pode provocar a saúde, eles continuam fazendo uso da mesma, mesmo como relatado acima, com episódios de reações adversas e ate mesmo intoxicação medicamentosa (60%). Em certos pontos, é de concordância que a saúde publica tenha certa influenciam para que a população faça utilização dessa pratica, pois a demora de atendimento em serviços de saúde contribui significativamente a população a se automedicar.

Em estudo realizado por Santos⁽¹¹⁾, sobre os riscos da automedicação, foi relatado que a reação adversa ao medicamento pode ser qualquer evento que seja nocivo ao indivíduo e

não intencional, que ocorreu na vigência do uso de um medicamento com utilidade terapêutica em doses normalmente recomendadas. A automedicação tanto das classes de medicamentos industrializados como o uso de medicamentos fitoterápicos que não conceito de muitos de usuários são inofensivos à saúde e não têm contraindicações são conceitos equivocados e que precisam ser superados.

Foi possível observar que, paralelamente aos efeitos benéficos, os problemas relacionados ao uso de medicamentos são um risco à saúde com gravidade igual ao cigarro, álcool, sedentarismo e outros males. Os medicamentos são considerados a quarta causa de morte no mundo, tanto devido à carência de acesso, quanto à falta de efeito e aos efeitos maléficos desses produtos. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maneira mais eficaz de melhorar o uso de medicamentos na atenção primária em países em desenvolvimento é a educação e supervisão dos profissionais de saúde, a educação do consumidor e a garantia de acesso adequado a medicamentos apropriados⁽¹⁾.

Gráfico 3 – Distribuição percentual do índice de acadêmicos que se consideram dependente da prática de automedicação. Pedreiras-Ma.2017. (n=150).



Fonte: Pesquisa de campo, 2017.

No gráfico 3, demonstra o percentual de acadêmicos que se consideram dependentes da automedicação, aonde 54%(81) consideram-se dependentes dessa prática, e 46%(69) não consideram-se.

Um dado alarmante desse trabalho foi o fato de que 54% dos entrevistados se consideram dependentes da automedicação. Um resultado que se torna de grande relevância para saúde pública. Pois estamos trabalhando com um grupo de pessoas com grau de instrução superior, onde podemos dizer de maioria deles conhecem os riscos que essa prática trás para saúde. Esses dados nos mostra a importância que é trabalhar essa temática, tornando-se possível, então traçar medidas para o combate a prática de automedicação irracional, não somente com a população acadêmica, mais em toda população em geral.

CONCLUSÃO

Os resultados encontrados reforçam a importância de realização de novos estudos, com diferentes tipos de delineamento, pois estes ainda são necessários para caracterizar o padrão do uso de medicamentos na sociedade e assim poder inferir nos reais fatores influenciadores dessa prática, tornando possível, então, traçar medidas para o combate à prática de automedicação irracional, não só na população acadêmica, mas na população em geral. A tendência crescente do autocuidado e, com isso, da automedicação é inevitável.

REFERÊNCIAS

1. ANVISA. Automedicação e o risco para o diagnóstico clínico e tratamento da Dengue. Informativo Anvisa. 2012.
2. BRASIL MS. Portal da Saúde. [Online].; 2014 [cited 2016 Novembro 20. Available from: HYPERLINK "<http://portal.saude.gov.br>" <http://portal.saude.gov.br> .
3. MUSIAL DC. A automedicação entre brasileiros. Revista de Saúde Biológica. 2014; 2(2).
4. AQUINO DS, BARROS JAC, SILVA MDP. A automedicação e os acadêmicos da área da saúde. Ciências e Saúde Coletiva. 2010 Agosto; 15(5).
5. GONÇALVES D. Prática de automedicação entre usuários de uma farmácia escola. Revista Brasileira de Ciência e Saúde. 2009; 22(7).
6. GUERRA GCB. Utilização de medicamentos durante a gravidez na cidade de Natal - RN. Revista Brasileira de Ginecologia/Obstétrica. 2008 Janeiro; 30(1).
7. OLIVEIRA ML, PELÓGIA CCN. Cefaleia como principal causa de automedicação entre profissionais da saúde não prescritores. Rev. Doc. São Paulo. 2011 Junho; 12(1).
8. FONSECA F. Frequência de automedicação entre acadêmicos da faculdade de medicina.. Revista diagnóstica e tratamento. 2010; 15(2).
9. NASCIMENTO DM. [Estudo do perfil da automedicação nas diferentes classes sociais na cidade de Anápolis- Goiás.].; 2010.
10. SOUSA HWO, SILVA JL, NETO MS. A importância do profissional farmacêutico no combate a automedicação no Brasil. Revista eletrônica farmacológica. 2008; 8(2).
11. SANTOS B, SOUZA LG, DELGADO NM, TORRES WO. Incidência da automedicação

em graduandos de enfermagem. J Health Sic Inst. 2012; 30(2).

12. FERRACINI FT, BORGES FILHO WMB. Prática Farmacêutica no Ambiente Hospitalar. Atheneu. 2005; 12(2).